

Publica se nos dias
1 e 15 de cada mês

Assinaturas

Continente e Ilhas 24\$00
Ultramar 29\$00
Estrangeiro 35\$00
(Séries de 24 números)
Pagamento adiantado

A R E G E N E R A Ç Ã O

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

AVENÇA

Propriedade de: dr. Alberto Teixeira Forte

Composto e impresso na Tipografia Figueiroense

Director e Editor

Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Abreu

Figueiró dos Vinhos

E a máscara caiu

Era fatal! Ontem, fora Caxemira, amanhã talvez o Paquistão. A nós, Portugueses, reservou-nos o voraz «pacifista» a quadra do Natal, testa de família tão amada no mundo lusitana, para cevar os sanguinários instintos extorquindo nos uma parcela da Pátria—a portuguesíssima Goa.

Mas esta invasão dos ordeiros e prósperos distritos portugueses do Indostão, para além de evidente amostra de perigosíssimo neocolonialismo, sugere-nos algumas reflexões e induz nos, intelizmente, a reconhecer verdades bem duras.

Como se processou a invasão e consequente ocupação militar forçada do nosso Estado da Índia?

Nerhu, como o disse ainda há pouco o Senhor Presidente do Conselho, perdia a serenidade sempre que lhe talavam dessa minúscula parte do solo lusitano, que constituía um perigo, não para a imensa União, mas para o sistema político-social do seu primeiro ministro, cada vez mais desacreditado dentro e fora das fronteiras. Dum lado era a fome, a miséria, a odienta política das castas; doutro, a prosperidade, a ordem, a igualdade de direitos e deveres. Não havia diferenças: o cristão, o muçulmano, o budista, ou o indu eram simplesmente... Portugueses; ninguém desejava a anexação, salvo, claro está, os criminosos e traidores que os mandatários indianos acoitavam, e instigavam, transformando-os em miseráveis instrumentos das suas perversas intenções. Começam a aparecer nos pacíficos territórios portugueses agitadores, primeiro inermes, depois armados até aos dentes, incumbidos de causarem alterações da ordem e fomentar a intranquilidade. Tudo em vão, porém. Os Portugueses do Indostão sabiam a lição de quase cinco séculos de história... Ali, fora Portugal quatrocentos e tal anos antes de a chamada União Indiana nascer.

Mais uma vez falhava perante o Mundo a tática do «falso pastor». Ninguém queria ser libertado! Mas, se tal facto é, por si só, argumento decisivo da razão que nos assiste, foi-nos fatal por outro lado, visto haver feito extinguir a paciência do «tigre» que procurava agarrar a presa por «meios pacíficos» (!) Ei-lo, pois, a envolver os minúsculos distritos numa cintura de ferro e fogo. 35 000 bandidos armados na fronteira, navios de guerra nas costas, esquadrilhas de aviões nos ares, a par de não se sabe quantos tanques, carros de assalto, etc, etc.

Por quê tal brutalidade para «libertar» menos de 5000 quilómetros quadrados de terra que não contava para a sua defesa mais do que um punhado de bravos militares, sem um único avião possuírem?

A resposta diz-nos do «desejo» da população goesa em ser incorporada na União de Nerhu! E melhor compreenderemos ainda tal resposta se lembrarmos que a esta hora ainda se combate em Goa, que os indianos «libertadores» não têm funcionários para assegurar um ritmo normal de vida e que pelas ruas de tão progressivas terras campeia, íntre, o saque, a violação, toda a miséria que começa a chegar das bandas dos Gates!

E perante o crime consumado que fez a O N U? E a O T A N? E a velha Albion, nossa secular aliada?

Continuação na 4.ª página

Marcha de Silêncio

Organizada por um grupo de figueiroenses, realizar-se-á logo pelas 20.30 horas uma marcha de silêncio *«de veemente protesto e repulsa contra o infame acto de ataque ao nosso território da Índia, pelas hordas do hipócrita Nerhu, e ao mesmo tempo de sentida homenagem à memória daqueles: Oficiais, Sargentos e Soldados, que, herdicamente, perderam a vida na luta pela integridade e honra da Pátria.»*

A referida marcha partirá da Avenida Salazar para a Igreja Matriz onde o Rev.º P.º José da Costa Saraiva proferirá uma alocução.

Ambulância

O Hospital da Misericórdia desta vila acaba de adquirir uma óptima ambulância. Está assim preenchida uma lacuna das mais evidentes e este Jornal que algumas vezes nas suas colunas pugnou pelo seu preechimento, sente-se feliz por poder felicitar a Comissão Administrativa daquele estabelecimento hospitalar.

João da Costa Oliveira

e

João Henriques da Costa

Estiveram nesta vila na quadra do Natal estes nossos prezados assinantes na capital, a quem agradecemos a actualização das suas assinaturas.

“Não é tempo de pesar os sacrifícios”

Portugal sente-se feliz e seguro de si mesmo, apesar de todas as graves dificuldades que lhe estão criando os seus irreconciliáveis inimigos, que são, ao mesmo tempo, os inimigos do nosso ideal civilizador. E, que os verdadeiros filhos de Portugal sabem muito bem que estão a caminhar pela estrada segura das tradições lusitanas no cumprimento de missão que ancestralmente nos foi confiada, logo nos alvares da nacionalidade. Hoje, talvez melhor do que nunca, sabemos bem o que queremos e para onde vamos. Haja o que houver, suceda o que suceder, ninguém será capaz de nos desviar da marcha tão gloriosamente seguida. Poderemos ter reverses momentâneos, mas o triunfo final será nosso, porque assim o queremos, porque a fé e a lealdade triunfarão sempre contra todas as tremendas, mas falazes maquinações dos pescadores de águas turvas.

Por isso, no momento actual, consideramos como um vigoroso imperativo de vitalidade pátria e de consciencialização nacional as palavras do Senhor Presidente da República, ao inaugurar a Assembleia Legislativa, na sua sétima etapa em benefício de tudo quanto é genuinamente português: *«Não é tempo de pesar os sacrifícios, mas só de medir a extensão do dever.»* As palavras são claras e conclusivas, encerrando uma lição de elevadíssimo patriotismo que nenhum português deveria deixar

de aprender e de praticar. Quando se trata do cumprimento do dever, quando está em causa a integridade da Pátria, os sacrifícios não contam. E' que o português de gema sabe muito bem que o dever de ser verdadeiramente português supera todos os outros deveres. Em tempos normais, podemos permitir-nos certos luxos, mas isso perdeu a sua razão de ser, quando a Pátria está em perigo, quando inimigos desalmados e perigosos facinorosos pretendem conspurcar a alma

Continua na 4.ª página

P.e Abílio Rodrigues

Esteve alguns dias entre nós o Rev.º P.º Abílio Rodrigues, que durante cerca de dois anos, prestou serviço nesta freguesia, onde granjeou numerosos amigos e admiradores, mercê da afabilidade do seu trato e méritos comprovados.

Deixou-nos o actual prior de Monchique — Algarve — amigas saudações e a incumbência de, em seu nome, manifestarmos ao arcepreste local — Rev.º P.e Saraiva — e dum modo geral a todos os figueiroenses o seu reconhecimento pela forma hospitaleira e dedicada como sempre o trataram.

Quanto ao primeiro ponto, os nossos sinceros agradecimentos; quanto à segunda parte, aqui fica cumprido o seu desejo.

Mundo Novo...

✿ Não me venhas dar palácios,
Não tenho quem os habite.
Não me queiram dar manjares,
E' fraco o meu apetite.

Só quero força e vigor
Para gritar o que quero:
—Eu quero um mundo melhor,
Sem homens iguais a zero

Quero amigos verdadeiros,
Quero saber onde estão,
—Passem os anos ligeiros
E haverá mais coração.

Haverá mais coração
No mundo novo a que aspiro.
—Hipocrisia é que não,
Nem homens mortos a tiro

As Corporações

«As corporações são formadas por instituições ou organismos corporativos, segundo as funções sociais ou económicas ou os ramos fundamentais da produção (Base III da Lei n.º 2086).

Começa a Lei por distinguir entre instituições corporativas e organismos corporativos. Distingue também e consequentemente entre funções sociais e funções económicas. Mas engloba, decerto e segundo parece lícito concluir, nos ramos fundamentais da produção os representantes qualificados de cada um daqueles sectores para cada grande sector das actividades nacionais abrangidas hierarquicamente pelo âmbito de cada corporação.

Esta doutrina decorre, aliás, do articulado do Estatuto do Trabalho Nacional, onde se definem as Corporações como representantes dos interesses unitários da produção, se lhes confere a atribuição de poderem estabelecer entre si normas gerais e obrigatórias sobre a disciplina interna e a coordenação das actividades, todas as vezes que para isso hajam recebido os necessários poderes dos Sindicatos ou Grêmios, União ou Federações nelas integrados, e o assentimento do Estado. O Estatuto estabelece ainda que nas Corporações estarão integralmente representadas as actividades da Nação. Constituiu-se, pois, uma estrutura corporativa de unidade e de integridade.

A distinção entre *instituições corporativas* e *organismos corporativos* obedece, sem dúvida, ao intuito e integrar as corporações morais e culturais—como salienta o Parecer da Câmara Corporativa—que, em sentido técnico, efectivamente não apresentam qualquer hierarquia de *organismos corporativos* e se erguem sobre instituições bem conhecidas e com largos serviços prestados: as instituições religiosas, literárias, científicas, artísticas, de assistência ou beneficência ou caridade, de educação física e outras. Isto, bem entendido, sem qualquer menosprezo ou prejuízo para as actividades sociais de Sindicatos, Casas do Povo e Casas dos Pescadores, instituições de Previdência por exemplo. E' que também as corporações económicas, onde se constituíram em pirâmide orgânica os organismos corporativos propriamente ditos, se concretizam na realização de tarefas ambivalentes: o *social* perfeitamente caracterizado e o *económico* especializado pelo facto posse.

No outro aspecto da distinção, o das *funções sociais ou económicas* e o dos *ramos fundamentais da produção*, também houve a preocupação nítida de ultrapassar a doutrina anteriormente fixada em diploma publicado que estatua um critério de horizontalidade, levantando a corporação sobre as grandes actividades nacionais similares ou idênticas; e um critério de verticalidade que a erguia sobre os ramos fundamentais da produção que abrangesse o ciclo económico dos produtos.

O rigorismo daqueles critérios agora abandonados fica evidenciado numa passagem do relatório que acompanhou a proposta da lei e que diz: «Parece evidente, por exemplo, que os problemas dos trabalhadores rurais só podem ser devidamente compreendidos e apreciados numa corporação que englobe apenas

actividades agrícolas. Pensar que estes assuntos possam ser discutidos, com utilidade em diferentes corporações, com intervenção de lavradores, industriais, comerciantes, trabalhadores rurais, operários, empregados e técnicos da indústria ou da lavoura, seria admitir uma organização heterogénea, sem grande viabilidade prática».

Numa organicidade mais perfeita, constituíram-se as Corporações já em actividade ao abrigo de um critério de homogeneidade e simplicidade onde os problemas e os interesses de uns podem ser encarados apenas pelos interessados seus conhecedores e não por interesseiros que lhes ficam distantes e estranhos.

As Corporações da Lavoura, Indústria, Comércio, Transportes e Turismo, Crédito e Seguros, e Imprensa e Artes Gráficas foram criadas ao abrigo do critério das grandes actividades nacionais e a Corporação da Pesca e Conservas obedeceu ao critério integrado segundo os ramos fundamentais da produção. Não foi entendido vantajoso levar mais longe, por ora, a corporatização totalizante segundo o ciclo económico dos produtos. A experiência, porém, acabará por oferecer aos responsáveis a solução mais adequada e mais conveniente possível do menor volume de complicações e dificuldades.

EDITAL

OLYMPIO DUARTE ALVES, Governador Civil do Distrito de Leiria, torna público o seguinte:

Os bem dolorosos momentos que toda a Nação atravessa, consequência da brutal e pífida agressão perpetrada contra o querido Estado Português da Índia obriga à modificação do condicionalismo estabelecido e a que obedeceria a concessão das necessárias licenças para a realização das habituais festividades do fim do ano.

Se bem que, após a eclosão dos acontecimentos, quanto ao concelho sede do Distrito e, segundo se presume, relativamente a todos os demais concelhos, nenhum pedido, em tal sentido, foi formulado—o que é bem revelador de elevados sentimentos patrióticos e merece expressa menção—certo é também que, mesmo assim, se mostra conveniente resolver sobre o assunto, dando-lhe a devida publicidade.

Nestes termos, determina-se o seguinte:

1.º—No Distrito de Leiria, não serão concedidas licenças para a realização de quaisquer festas na presente quadra.

2.º—Devem considerar-se revogadas todas as licenças porventura concedidas.

3.º—As autoridades administrativas e policiais e seus agentes assegurarão o cumprimento do determinado.

E para constar se publica o presente e outros de igual teor, que serão afixados nos lugares de estilo.

Governo Civil do Distrito de Leiria, 26 de Dezembro de 1961.

O Governador Civil
Olympio Duarte Alves

Assinai este Jornal

Férias em Campelo

Continuação da 4.ª página

com a curiosidade de saberem quem a estas horas da manhã vem descendo serra. Aproximamo-nos, avançamos mais; eis pois que estamos chegados ao pé delas.

—Bom-dia.

—Bom-dia.

—Por favor dizem-nos o melhor caminho daqui, povoação a baixo, até à ponte, pois queremos passar para o lado de lá da ribeira?

—Olhem, vão bem; desçam os senhores, a rua a seguir; ao fundo, virem à esquerda, a ponte para lá é logo ali.

—Obrigado. Adeus.

Seguimos.

Leitor, quem assim indica o caminho são as pessoas que, como há pouco dissemos estavam ao cimo da aldeia. Olharam-nos, admiradamente, enquanto a li mesmo o «Clipper», nosso companheiro, devolvia ao ar os belos trechos musicais captados do éter em que viajam e vagueiam os corpos celestes.

—Olhe... olhe... cá está a ponte.

—E' verdade, Abílio, cá está ela.

E' uma passagem ainda de madeira sobre a Ribeira de Alge, leitor. Atravessamo-la, passando à outra margem. Há logo aqui um «casal» com uma, duas, três habitações; e nelas indícios e vestígios de que também neste sítio as terras são cultivadas com o suor do rosto. E mais: o verde da Nautreza é predominante; é campo aqui e assim o cenário é todo solenemente bucólico e formoso: dum lado e doutro, com a ribeira a dividir, estendem-se as terras de milho, as latadas de «videira morangueira» e outras árvores de fruto; depois, logo as casas ou habitações; e, ainda depois, como que em anfiteatro, sempre a subir, povoadas de mato, semeadas por vezes de pedras e fechadas de pinheiros, erguem-se as colinas e estendem-se a perder de vista os vales num conjunto que forma a montanha.

O cenário é, enfim, digno talvez da pena e estro dum Virgílio, dum Teócrito ou dum Pátrio Rodrigues Lobo.

—Mas não se abatem os

não, castanhos, mas vivos como só os têm algumas donzelinhas; e parece-nos, e não nos enganamos, que eles reflectem: a beleza deste cenário; a frescura e animação da ribeira; a esperança e a pureza do céu azul e brilhante que forma abóboda sobre este local; e reflectem ainda os seus olhos a alegria de viver, que é o sonho e poesia da juventude.

Tudo isto se espelha, pois, nos olhos castanhos, castanhos, que lhe vemos e miramos. Fazemos-lhe algumas fotografias e prometemos enviar-lhas; e os seus olhos castanhos, castanhos e de esperança sorriem.

A qualquer artista que goste mais de pintar ao vivo apetececia talvez, leitor, encontrar-se neste local; nele recolheria por certo a centelha da inspiração necessária para avivar lhe mais o fino sentimento da *Arte*, o sentido do *belo*, ou *sexta sentido*, e o *ideal* com que a Natureza brinda sobretudo os eleitos, os

artistas.

Meio dia. Despedimo nos, leitor, desta boa gente.

—Adeus... até depois. E obrigada. As fotografias cá virão ter.

—Esperamos por elas. Adeus. Vamos já de regresso a casa. A estrada segue aqui por entre pinhais. Agora é já o sítio das «almas» dos Trespostos; neste local, tomamos a estrada de Alge. De quando em vez, ouve-se abrir as pinhas dos pinheiros; o Sol está no meio-dia, está a pino.

—Olá! amigo José da Costa Simões, sabe donde regressamos agora?... do alto da serra. Estivemos mesmo em cima do marçõ Geodésico, no cume da montanha acima de Peralcovo.

—Há! sim... — responde este nosso amigo, de entre a porta do seu estabelecimento ao «outeiro», em Campelo.

—E' verdade. Tudo visto de lá — juntamos ainda nós — é bem maravilhoso!...

ANÍBAL GARCIA

Documentações automobilísticas

Trata de tudo que se refere a automóveis condutores e outros, junto de quaisquer entidades oficiais ou particulares em Lisboa ou nas Províncias

ANÍBAL GARCIA

Rua Tenente Valadim 33-35 — COIMBRA

Na Vanguarda do Progresso

viva com **GRUNDIG**

A acreditada e mundialmente famosa marca alemã de

Rádios
Televisores
Auto-Rádios
Gravadores de Som



Símbolo de garantia

A última palavra em técnica

Preços mais acessíveis

Mais conforto

Maior rendimento

Os agentes GRUNDIG oferecem-lhe ainda categorizados **FRIGORÍFICOS** e a sensacional máquina de barbear de 3 cabeças de corte (barba, cabelo e pêlos cumpridos)

FIGARO PAYER LUX

Visite em **Figueiró dos Vinhos**
Livraria Académica de António da S. Martinho

NATIONAL

A grande marca de rádios Japoneses a transistores

Peça-nos uma demonstração ou admire-os nos

ESTABELECIMENTOS BADEL DE
Fernandes, Medeiros & Fernandes, Lda
FIGUEIRÓ DOS VINHOS — Telef. 139Delicie o s/ ouvido com o som
do mais maravilhoso rádio

AGENTES PARA OS CONCELHOS DE:

Figueiró dos Vinhos
Castanheira de Pera
Pedrógão Grande
e freguesia de Pedrógão Pequeno**Escola de Condução "FIGUEIRÓ"**

Instalada no Edifício da Estação de Serviço Cabeço do Peão

Figueiró dos Vinhos

TELEF. 78

DE ALBERTINO DE OLIVEIRA SOUSA
(COIMBRA)

Ligeiros e Motociclos amadores

Direcção Técnica de
ANTÓNIO DOS SANTOS BANHUDO**QUINTA**

VENDE-SE

Nesta vila a 400 metros dos Paços do Concelho, com a produção de 400 arrobas de cortiça, 300 litros de azeite, 500 de milho, 4.000 de vinho, 200 quilos de castanha, 100 sangrias e 500 eucaliptos, casa própria para habitação, dezenas de árvores de fruto, água a regar de pé com abundância e servida com estrada macadamizada.

Nesta Redacção se diz.

ALUGA-SESerração c/ secção de carpintaria mecânica, ao **CÁRAMELEIRO** eléctrica e com instalações modernos

Está pronta a funcionar

TRATA: J. Simões Pereira, em Figueiró dos Vinhos
Telefones — 18 e 78**TERRABELA-HOTEL**

Um dos melhores da Província

Instalações Modernas

óptimos serviços de:

Bar-Café-Restaurante

Serviços de Casamentos e Baptizados
Preços especiais **BILHARES**
Figueiró dos Vinhos**Trespasa-se**

Estabelecimento de mercearia, na Rua Dr. Manuel Simões Barreiros.

Tratar com o proprietário—**José Lopes** cu pelos telefones 63 e 148 de Figueiró dos Vinhos.**Vende-se**

Terreno de pinheiros, situado a 100 metros do Bairro Municipal. Próprio para construção com frente para a Estrada Nacional. Informa esta Redacção.

VENDE-SE

Terreno de pinheiros (novos e de resina), sito ao Chavelho, nas imediações da fábrica de serração.

Esta Redacção informa.

152

É

O número do Telefone do Automóvel de Aluguer de

José Quaresma

Instalado na praça de Automóveis desta vila de Figueiró dos Vinhos

e **692 - Residência****PROPRIEDADE**

Vende-se

Situada nos Mações—a 500 metros da Vila—confrontando com a família Correia.

Compõe-se de terras de sementeira, oliveiras, videiras e árvores de fruto

Tem água todo o ano.
Informa esta Redacção.Este Jornal vende-se em LISBOA na **INCREMENTUM**—R. Santa Marta, 58-3.º—onde também se recebem Assinaturas e Publicidade.**BAV**Barreiros-Agência de Viagens, L.^{da}

Av. Torres Pinheiro, 104, TOMAR

TELEPHONE: 62275

Passagens aéreas, marítimas e terrestres

Reserva de Hotéis no País e Estrangeiro

Excursões

Passaportes: vistos, revalidações, individuais e colectivos

Informações sobre o Turismo Nacional e Internacional

Alberto Teixeira Forte

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos—TEL 13

Escritório em: **Pedrógão Grande**

(Na primeira 2. Feira de cada mês)

Tipografia Figueiroense

Trabalhos Tipográficos em todos os géneros

Confiar os seus serviços a esta casa é ter a certeza de ser bem servido e aos melhores preços

Rapidez — Perfeição — Seriedade

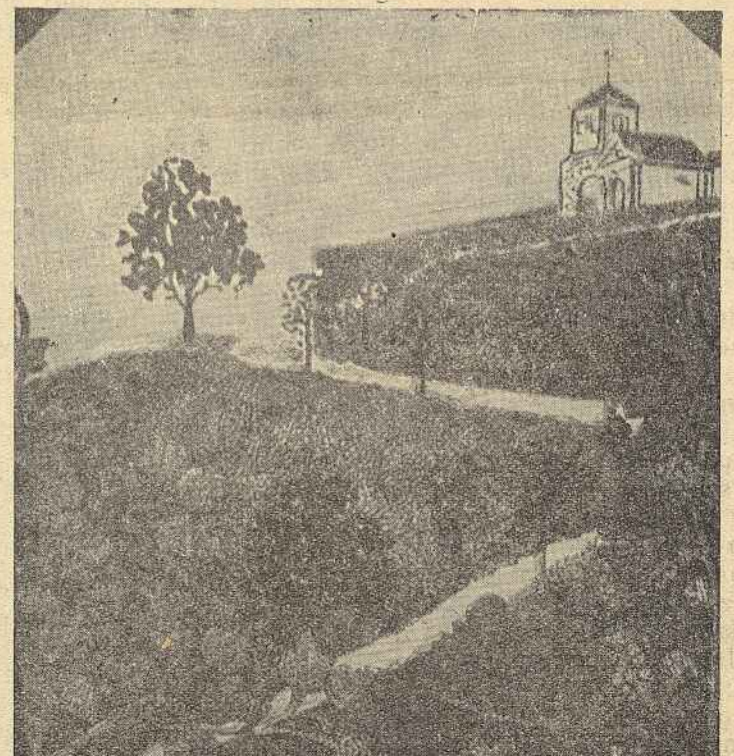
SÃO TIMBRE DA

TIPOGRAFIA FIGUEIROENSE

Rua Major Neutel de Abreu

FIGUEIRO DOS VINHOS

TELEFONE 13

Paisagem de Figueiró**Cabeço do Peão**

Férias em Campelo

FOR

José Manuel

Continuação do n.º 1032

Faz-se porém sentir a falta de estradas de ligação a outras regiões, às limitrofes, e é difícil, se não quase impraticável, o acesso à maioria das povoações; há falta de fontes e de outras obras saneadoras, e muito se tem esperado pela luz eléctrica.

— Claro que sim! que, além disso tudo, é necessária a luz eléctrica... pois nem só do espirito vive o homem...

— Hom'essa! Boa estirada, Abílio! Que você estava atento às minhas palavras já eu tinha notado. Ora aqui dou-lhe razão, porque você tem razão. E mais: vou até em louvor da sua «tese» *nem só do espirito vive o homem*. Sabe, há mesmo certo economista, tome nota, que diz que, mundo fora, o sinal cabalístico... do factor económico o encontramos em qualquer das suas «catedrais»...

Claro, o economista terá razão; mas nós o que pensamos é que, em perenidade e valor, nunca a matéria será capaz de sobrepor-se ao espirito ou dominá-lo: porque é mudável e transitória, porque lhe é inferior...

O homem é, por certo, um composto «corpo-alma», o que, para nós, significa que o homem não se poderá despegar de todo de alguma matéria. Ora, em princípio, alguma matéria, só alguma, é condição necessariamente indispensável e aceita-se, e nem doutra forma nos parece que possa conceber-se o composto «corpo-alma».

Mas a ideia é um mundo inalterável.

Num cristalino céu, que vive estável...

E' pois isto e não o contrário; e ainda aqui estamos com o poeta. Por conseguinte, vistas, Abílio, assim as coisas, é ainda a região, e o sentimos as suas carências e necessidades, que faz com que nos venha à lembrança e evoquemos mais aqui — de «Estes sítios», *Folhas caídas* — esta também tão bela como singela e significativa poesia:

Olha bem estes sítios queridos
Vê-os bem neste olhar derradeiro...

Ail o negro dos montes erguidos
Ail o verde do triste pinheiro!
Hoc enim sentio! (Penso pois isto!)

* * *

Penso pois isto, ó cipreste dos túmulos, que, como o pinheiro, permaneces sempre verde. (Permita-se-nos esta incensiva e simples apóstrofe) O que sentimos, vivemos, evocamos e dizemos não é por paixão — é só por amor e só amor também à região de Campelo.

E se são bem diferentes... a paixão... e o amor. Aquela é um sentimento que vem de fora, do exterior, para dentro, e entra mais pelos olhos e ilude. Aquele é um sentimento puro, sem afectação e que vem de dentro do íntimo para fora e se distingue.

O amor é assim qualquer coisa que vitaliza, que espiritualiza e torna bela, feliz e digna a vida; é qualquer coisa, insistimos, que sublima as tendências e liberta a alma do que é matéria. E' amor a «alma-alma», a «dedicação-dedicação», a «alma-livre» — é amor, enfim, a doação total de

nós mesmos a um ideal elevado e superior — o do Bem!

Mas a paixão... A paixão será a alma interior, será a alma serva dos sentidos, será a alma materializada, será a alma ligada às penas — e ao que é só egoísmo!

Paixão... tu não és lume (que este só aquece) és mal... és Fogo!

Amor... tu não és destruição (que és vida), és Bem... és Luz divina!

Nós, leitor, partimos sempre deste princípio — o do amor. E dizendo acima de que amor, isto é, como nós o concebemos e sentimos, julgamos ter bem exemplificado, e justificado, a razão das nossas andanças a galgar montes e a vencer a serra, para subirmos até ao cume da montanha e ver de lá melhor, sempre melhor.

O contrário seria ter paixão e não ter possibilidades. Ora ter paixão não é verdadeiramente amar ou querer ver bem; é, talvez, confundir o romanesco com o essencialmente verdadeiro!

Pois bem. Ao desenvolvimento progressivo da região de Campelo ou solução dos seus mais instantes problemas também de ordem económica e social, que são os que determinam a fixação e o bem-estar das populações e favorecem a cultura, não convêm nem estão próprias as «traves», se é que elas existem.

Ail aquela lendária estrada...

Por cá, supomos poder assegurar que ninguém as tem nem no espirito nem nos olhos; e que todos vêem que a paisagem é bela, mas nem tanto na realidade.

Assim sendo, a realidade é pois às vezes bem outra e você, Abílio, e os nossos leitores também, certamente não deixará de concordar connosco.

Há assim que ir ao encontro dela e vivê-la para poder senti-la e compreendê-la. Eis o caminho... o melhor caminho.

Ora fazemos nós de tal modo com nossas andanças e fixando estas ligeiras notas (de nossa vontade só por bem e só com intuito construtivo e sem nenhuma solicitação de vaidades), em «Férias em Campelo», nas quais transmitimos algumas realidades «in loco» observadas, vividas e sentidas por nós, durante uns dias de férias passados, neste mês de Agosto na região de Campelo. Vidas e sentidas por nós e pelo nosso amigo, Abílio dos Santos Lojes, de seu nome todo.

Ora que ninguém diga, amigos! que conhecer-se a realidade não é útil e não importa — ou não vale a pena. O contrário queremos nós crer que é curar de saber e conhecer e «tocar» só de ouvido, fazer-se «qualquer coisa» só por se fazer «qualquer coisa» e, portanto, caminhar-se quase sempre... pensamos que inteiramente às cegas.

* * *

Bem, leitor, depois daquela fotografia sobre Alge, temos vindo a caminho da Ponte Fundeira, descendo a encosta. A povoação está já à nossa vista; ao cimo dela, notamos a presença de pessoas que nos olham lá de baixo; certamente, esperam por nós,

Continuação na 2.a página

E a máscara caiu

Continuação da 1.a página

Em Nova Iorque, a Rússia usa pela 99.ª vez do direito de veto, inutilizando qualquer decisão do Conselho de Segurança e com ele a própria Organização, que se tornou, no dizer de Salazar, tão inútil como nocaiva.

A Nato deu-nos apoio moral, mas esse até os imorais podem dar... E' caso para perguntar: para onde vais, pobre Ocidente?

A Inglaterra esquivou-se, unicamente, ao nosso apelo!

Numa palavra: tratados, obrigações, decência no procedimento, tudo isso só foi fabricado, ao que parece, para nós.

Os outros, é o que se vê... Os amigos são «daquela casta»!

Sòzinhos, como sempre, lá caíram os nossos bravos, regando de generoso sangue luso a terra bendita dos seus avós. E' que nunca conhecemos rendições nem abandonos!

A Pátria, essa, fica até Deus querer retalhada na sua própria carne, mas a sua alma permanece mais viva do que nunca. E' a consolação que pode mitigar a nossa dor neste Natal!

Que o nosso sacrifício aproveite ao menos a esse transviado Ocidente. Que ele abra os olhos à luz da realidade! Que isso não suceda tarde de mais!

Se assim tor, mais mais uma vez, cumprimos o nosso dever!

Unidade Nacional

Promovida pela Comissão Distrital do Movimento Nacional Feminino realizou-se na Sé Catedral de Leiria, uma Missa por intenção dos soldados que combatem nas províncias portuguesas do Ultramar. Todo o Distrito estava presente nas suas autoridades administrativas e pessoas da maior representação. Por se encontrar doente o Bispo de Leiria, foi celebrante o Reverendo Cónego Galamba de Oliveira.

A seguir à Missa, todos se dirigiram para o Governo Civil, onde testemunharam ao representante do Governo no Distrito a sua indignação pelo infame atentado aos territórios da Índia Portuguesa e afirmaram a sua solidariedade com o Governo da Nação, tendo falado o Presidente da Câmara de Leiria. O Governador Civil agradeceu mais esta afirmação de unidade e fé nos destinos da Nação.

Boas Festas

A todas as entidades e instituições que se dignaram distinguir-nos com cumprimentos de Boas Festas, expressamos o nosso sincero reconhecimento.

Novo assinante

Começou a fazer parte dos nossos leitores o sr. Henrique Fortunato Viegas, guarda-livros do Grémio da Lavoura.

Os nossos agradecimentos.

“Não é tempo de pesar os sacrificios”

Continuação da primeira página

pura e limpa da nacionalidade lusiada.

Portugal está plenamente senhor de si mesmo. Sabe que os inimigos são muitos, mas tem a certeza de que é tradicional, nas gestas lusiadas, nunca se olhar para o grande número. Uma coisa nos deve nortear sempre. Sabemos que estamos no caminho do dever. Perante esta convicção só pode haver uma atitude. Lutar sempre, sejam quais forem as vicissitudes que nos vierem a ser criadas. O cumprimento dos nossos deveres para com a Pátria é ineludível. Nada há que possa minorar a sua força; nada será capaz de deformar a responsabilidade que dele emana para cada um de nós.

Por isso, Angola é hoje o coração de Portugal, porque qualquer ataque contra a integridade da Pátria é ataque ao seu coração de mãe de todos nós. Por isso, o que se passa em Angola é altamente exemplar. Sabemos muito bem que esses exemplos serão páginas fecundas de glória no futuro da nacionalidade, ao passo que, no momento presente, são poderoso incentivo ao cumprimento sagrado dos nossos deveres para com a terra e a gente lusiada.

As palavras do Senhor Almirante Américo Tomás são plenamente esclarecedoras a este respeito; por elas vemos que o dever está a ser integralmente cumprido por todos aqueles a quem atinge sob forma mais dolorosa. Eis as solenes palavras do mais alto Magistrado da Nação: «O martírio e trabalhos dos colonos»

Assinaturas pagas

Pelo sr. Joaquim Leitão Mendes, desta vila foi paga a assinatura do sr. Joaquim Soares de Lemos, ausente no Brasil.

— Pagou a assinatura do sr. Alcides de Oliveira Ramos, residente em S. Tomé, seu filho, Fernando Neto Ribeiro Ramos

— A assinatura do sr. Adelino Leitão foi renovada pelo sr. Mário José Leitão, seu filho.

— Cumprimos o nosso prezado assinante em Lisboa, sr. José Rodrigues Júnior que, de passagem para a sua terra natal, Singral Cimeiro, pagou a sua assinatura.

— Pelo sr. Augusto da Encarnação Silva, de Lomba da Casa, foi paga a sua assinatura.

Sebastião Baptista

Cumprimos este nosso prezado leitor nos Chãos de Cima que, juntamente com a sua, pagou as assinaturas dos seus filhos, sr.s José Simões Baptista, residente em Lourenço Marques; João Baptista, residente em Nam-pula; e inscreveu seu filho Fernando de Jesus Baptista, igualmente a residir em Moçambique. Sinceramente gratos!

Oferta de Roupas

Pela sr.ª D. Vergínia Martins Alves, natural de Alge, e actualmente em Luanda, foi-nos enviado um pacote de roupas destinadas às vítimas dos incêndios.

Em seu nome, os nossos agradecimentos.

de Angola agarrados à terra e à Mãe-Pátria e os dos soldados que reintegram a soberania nacional com suas vidas, ao mesmo tempo que protegem e amparam as populações extraviadas, têm de receber aqui, no selo da representação nacional, como voz autêntica do Povo, o testemunho do nosso apreço e do nosso orgulho.»

Portugal vive em Angola, porque Angola é a causa de todas as nossas presentes ansiedades, ao mesmo tempo que será motivo de glórias infundas para as páginas de ouro da lusitanidade. Sabemos que é assim. Disto nos orgulhamos, dando um exemplo ao mundo; disto damos provas sagradas, mostrando a maneira como sabemos defender a Pátria-Mãe, como salvaguardamos os mais profundos interesses da Civilização Ocidental.

J. Braz

Aristarco Mendes

Por suas filhas, meninas Estrela e Bernardina Carvalho Mendes foi actualizada a assinatura deste nosso prezado leitor na cidade da Beira, provincia de Moçambique.

Os nossos sinceros agradecimentos.

Manuel Gaspar

Encontra-se em convalescência este nosso prezado conterrâneo e amigo que, recentemente, foi vítima de estúpido acidente de viação.

Fazemos votos pelo seu completo e rápido restabelecimento.

Manuel Luis Coelho

Embarca no próximo dia 8 por via aérea, para a Beira este nosso prezado assinante ao qual se juntará sua família que a 28 do mesmo mês partirá a bordo do «Moçambique».

Gratos lhe ficamos pela sua despedida e, em seu nome endereçamos idênticos cumprimentos a todas as pessoas conhecidas ou amigas,

Declaração

Adelina da Assunção, casada, doméstica, moradora no lugar da Marinha, freguesia da Graça, concelho de Pedrógão Grande, declara por este meio e para todos os legais efeitos que, estando separada de facto de seu marido — Joaquim José Ribeiro, comerciante, residente no mesmo lugar, desde Maio último, se não responsabiliza por quaisquer dívidas por este contraídas, assim como não concorda com qualquer venda por ele efectuada de quaisquer bens do casal de ambos.

Figueiró dos Vinhos, 23 de Dezembro de 1961.

A rogo da declarante por não

saber escrever

Albino Coelho

(Segue o reconhecimento)

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura